

AKRÓPOLIS

REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIPAR

EDITORIAL

As três últimas décadas do século 20, que está por findar-se - de cuja história a geração atual foi mentora e cúmplice, foram marcadas por extraordinárias mudanças em diferentes campos da atividade humana. O avanço do conhecimento gerou transformações inimagináveis há um século e não aquilatáveis pela extensa maioria dos seis bilhões de indivíduos que habitam o planeta terra neste momento. As revoluções profundas geradas pelo avanço do conhecimento produziram inevitável repercussão nos padrões tradicionais de condução da vida e de comportamento moral. Paradigmas foram quebrados e novos padrões instaurados.

Partindo de uma antropologia que dá o homem como um ser nunca acabado, mas historicamente perfectível, embora de forma não reflexiva, novos valores foram sendo implantados. Enquanto a Idade Média privilegiava a submissão do corpo aos ditames da consciência moral religiosa, cujo objetivo final era a felicidade plena na outra vida, os novos paradigmas se voltam para o corpo e sua concomitante satisfação plena. Já não se ocupa com a a idéia de

uma felicidade metafísica, deslocada para os idos da eternidade, mas quer usufruir de forma intensa, com sabor de eternidade, os prazeres concretos e reais do seu tempo real.

Dentro desse contexto, perde, com freqüência, o alcance e conseqüências de seu agir. O que importa é a construção da felicidade do momento concreto, que se resume, na maior parte das vezes, no prazer físico, tóxico, sexo, bebida em excesso, noitadas desgastantes, jogatina desenfreada, quase sempre com caráter de usufruto estritamente pessoal, sem a mais leve medição de conseqüências. Foi destruída ou jamais construída a noção de que cada ato humano traz conseqüências.

Vive-se numa época de forte marca individualista. Basta observar o comportamento de muitos e seu discurso justificatório. O que vale são os propósitos e o proveito individual que possa ser extraído de cada situação. O princípio que norteia esses comportamentos confirma a tese. Já que os outros pensam e agem assim, por que vou ser eu diferente? Não indispor-se, não contrariar, não perder a

oportunidade de tirar proveito de satisfação pessoal, não parecer cafona ou ultrapassado, eis a regra moral que orienta a grande maioria. Em nome da liberdade individual de agir, tudo parece permitido.

A partir do último trimestre desse final de século, a mídia difundiu números preocupantes de um sensível aumento da natalidade em diferentes regiões do Brasil, particularmente nos grandes centros. Denominou os novos brasileiros de “filhos do carnaval”. Suas mães são, em grande maioria, adolescentes de diferentes classes sociais. Muitas dessas mães não possuem a menor condição familiar e socioeconômica para dar ao filho o suporte mínimo manutenção humana. Mãe e filho acabam entregues a instituições sociais já sobrecarregas e sem capacidade para atender adequadamente a tantos. Do pai, corresponsável pela nova vida, nada se diz. Há uma tolerância machista difícil de ser vencida.

Nisso as mães são as maiores responsáveis. No seu afã de educar os filhos a se imporem virilmente no ambiente coletivo, sufocam-lhe os sentimentos mais humanos. “Homem não chora” é a estratégia deseducativa mais comum. Trata-se de um argumento machista, cujo resultado mais visível é a supressão da sensibilidade. Querem depois para a sua filha um marido sensível e humano. Mas não se dão conta de que estão entregando à nora uma matéria bruta, não polida, cujas frustrações virão à tona nas primeiras contradições da vida a

dois debaixo de um mesmo teto. Desde a mais tenra idade, os meninos são literalmente forçados a engolir suas lágrimas. Reprimidos naquilo que existe de mais comum nos seres humanos, a capacidade de expressar suas alegrias e frustrações através do choro, o que se pode esperar de criaturas assim educadas quando as diferenças da vida vierem à tona e exigirem administração equilibrada e realista.

Antônio Frederico Zancanaro